

Entre a fábrica e a cozinha: precarização do trabalho e a reprodução social das catadoras de caranguejo na Amazônia dos manguezais

Between the factory and the kitchen: labor precarization and the social reproduction of women crab gatherers in the mangrove Amazon

Clara Sousa Maria*  

Adriana de Azevedo Mathis**  

Resumo: O artigo apresenta dados da pesquisa sobre a precarização do trabalho das catadoras de caranguejo da vila do Treme, comunidade localizada no entorno da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu (RESEX) em (Bragança/PA). Nesse contexto, ele analisa as relações e condições de trabalho, articulando o trabalho de produção com processos de reprodução social. Fundamentada na tradição marxista e feminista, evidencia que essas esferas são interdependentes. Com base em uma abordagem qualitativa, a pesquisa contou com a participação de 13 catadoras de caranguejo que realizam trabalhos nas suas próprias casas e fábricas da comunidade. Como principais resultados da pesquisa identificam-se: precarização, informalidade e ausência de direitos trabalhistas das mulheres catadoras; combinação de trabalho remunerado e trabalho doméstico e de cuidado; realização simultânea de atividades produtivas e reprodutivas, em locais de trabalho, como cozinhas, quintais residenciais e nas fábricas próximas às residências; e, desigualdades de gênero nas relações de trabalho.

Palavras-chave: Mulheres; Trabalho. Caranguejo; Reprodução social.

Abstract: The article presents data from research on the precarious working conditions of crab gatherers in the village of Treme, a community located near the Caeté-Taperaçu Marine Extractive Reserve (RESEX) in Bragança, Pará. It analyzes labor relations and conditions, linking production work with processes of social reproduction. Based on and feminist tradition, it shows that these spheres are interdependent. Using a qualitative approach, the research involved 13 crab gatherers who work in their own homes and in factories within the community. The main results of the study include: precariousness, informality, and lack of labor rights for women collectors; a combination of paid work and domestic and care work; the simultaneous performance of productive and reproductive activities in workplaces such as kitchens and backyards, and in factories near their homes; and gender inequalities in labor relations.

Keywords: Women; Labor; Crab; Social reproduction.

* Universidade Federal do Pará. E-mail: sousaclara21@gmail.com

** Universidade Federal do Pará. E-mail: adriana.azevedo.mathis@gmail.com

Introdução

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa sobre o trabalho das catadoras de caranguejo da Vila do Treme, comunidade localizada no entorno da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu (RESEX), no município de Bragança¹, no estado do Pará. Nessa comunidade, a pesca e o extrativismo constituem importantes formas de subsistência das famílias. Entre as principais atividades extrativistas desenvolvidas no município, destaca-se a extração e a catação de caranguejos, atividade que compõe uma parte central da cadeia produtiva² local.

As mulheres, em especial, têm participação expressiva no processo de beneficiamento³ do caranguejo, atividade realizada de maneira informal, precarizada e sob jornadas contínuas⁴. Além disso, muitas catadoras acumulam essa função com o trabalho doméstico e os cuidados familiares, o que acentua ainda mais a sobrecarga cotidiana vivida por elas.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar as condições de trabalho das catadoras de caranguejo da Vila do Treme, com ênfase na precarização das atividades produtivas⁵ articuladas aos processos de reprodução social, esferas que se entrelaçam e se sustentam mutuamente. A análise está ancorada na teoria social de Marx e dialoga com distintas vertentes do feminismo marxista, desde a Teoria da Reprodução Social⁶ (TRS) até a teoria da consubstancialidade. Essa abordagem evidencia como os trabalhos não remunerados, domésticos, de cuidado e familiares, majoritariamente realizados por mulheres, são essenciais

¹ Bragança abrange uma extensa área de manguezal, totalizando cerca de 120 km² segundo Ribeiro (2001), e de acordo com Krause *et al.* (2001), aproximadamente 90% da península bragantina são cobertos por áreas de manguezais.

² Por cadeia produtiva do caranguejo neste estudo, compreende-se o conjunto de etapas que o caranguejo percorre, desde a extração nos manguezais até a sua comercialização. Em Bragança (PA), a cadeia produtiva do caranguejo-juçá envolve captura, beneficiamento, atravessadores, comércios locais e regionais, sendo marcada por informalidade, múltiplas funções e dependência dos manguezais (Gomes, 2018).

³ Beneficiamento do caranguejo refere-se ao conjunto de etapas realizadas após a captura, que incluem a limpeza, retirada de partes comestíveis, preparo, conservação e embalagem do caranguejo, para garantir sua qualidade e viabilizar a comercialização.

⁴ Verônica Maria Ferreira (2020) emprega o termo “jornadas contínuas” para mostrar que as mulheres não se dividem apenas entre trabalho doméstico e emprego remunerado, mas vivenciam uma única rotina de tarefas que se sobrepõem entre produtivas e reprodutivas ao longo de todo o dia, sob diferentes condições sociais.

⁵ A distinção entre trabalho produtivo e reprodutivo nos termos que é empregada nesta análise está ancorada na tradição marxista e nas formulações do feminismo marxista. Nessa perspectiva, o trabalho produtivo está relacionado à produção de mais-valia, enquanto o trabalho reprodutivo, apesar de ser essencial à reprodução da força de trabalho é considerado improdutivo, levando em consideração que não gera mais valia diretamente para o capital.

⁶ Importa considerara que para compreender a TRS, destacam-se como autoras elementares Lise Vogel, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser. A gênese dessa perspectiva remonta a Vogel (1983), que sistematizou a reprodução da força de trabalho como um pilar social do capitalismo. Contemporaneamente, Bhattacharya (2017) contribui para a expansão da TRS como teoria no sentido “remapear a classe”, propondo uma abordagem unitária entre produção e opressões. No mesmo sentido, Nancy Fraser (2022, 2024) oferece uma crítica fundamental ao demonstrar como o capitalismo “canibaliza” as atividades de cuidado e os processos socio-reprodutivos para sustentar a acumulação, resultando em crises sistêmicas de reprodução.

para a reprodução e manutenção da força de trabalho e, conseqüentemente, para a reprodução do capital.⁷

Para a realização da pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa desenvolvida em 2024. Inicialmente, foram realizadas quatro visitas voltadas ao mapeamento preliminar e ao estabelecimento de vínculos éticos com as participantes. Em seguida, ocorreu a inserção no campo⁸ para a coleta de dados, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com 13 catadoras de caranguejo que trabalham ou trabalharam em suas próprias casas e para uma fábrica específica da comunidade. A análise dos dados seguiu a técnica de Bardin, envolvendo transcrição integral, leituras repetidas e categorização temática. Esse procedimento possibilitou um olhar aprofundado sobre as condições de vida e trabalho das catadoras⁹.

Assim, este artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, são apresentados e discutidos os resultados, com ênfase na relação entre o trabalho produtivo precarizado e generificado das catadoras de caranguejo e os processos de reprodução social. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados e sugerem caminhos para futuras investigações sobre o tema.

Condições e relações de trabalho das catadoras da Vila do Treme

O trabalho das mulheres catadoras de caranguejo na Vila do Treme desempenha um papel fundamental na cadeia produtiva do caranguejo-uçá na região bragantina. São elas as responsáveis pelas etapas mais demoradas e complexas do beneficiamento, conforme destaca Silva (2022), especialmente no momento em que a carne é retirada manualmente das patas e do corpo do animal. Trata-se de um trabalho minucioso, repetitivo e que exige habilidade, tempo, atenção e muita paciência, sendo tradicionalmente realizado pelas mulheres da vila em dois principais espaços: nas cozinhas de suas casas e nas chamadas fábricas de beneficiamento existentes na localidade.

⁷ Diversas autoras feministas, especialmente a partir dos anos 1970, têm aprofundado esse debate, destacando a centralidade do trabalho reprodutivo no funcionamento do capitalismo. Entre elas, destacam-se: Maria Mies com *Patriarchy and Accumulation on a World Scale* (1986) – *Patriarcado e acumulação em escala mundial* (2022); Angela Davis com *Women, Race and Class* (1981) – *Mulheres, raça e classe* (2016); Heleieth Saffioti com *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* (1976).

⁸ A entrada no campo foi precedida pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará (Parecer nº 7.161.961/2024), e a aproximação com as participantes ocorreu de forma ética e acolhedora, com a apresentação formal da pesquisa e o devido esclarecimento de seus objetivos. Todos os procedimentos respeitaram a Declaração de Helsinki (1975, revisada em 1983) e as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº 196/96 e nº 251/97.

⁹ Para preservar a identidade das entrevistadas, seus nomes reais não foram utilizados, sendo substituídos por nomes de pedras preciosas ao longo do artigo.

O cotidiano de trabalho das catadoras de caranguejo envolve uma rotina intensa que, para algumas mulheres, começa entre 2h e 5h da manhã. Segundo as entrevistadas, acordar nesse horário permite mais tempo para catar, em suas próprias casas, o que elas denominam de “redes de caranguejo”. As redes às quais se referem são sacos plásticos geralmente utilizados para embalar cebolas em grande quantidade. Dentro desses sacos há, em média, 100 caranguejos. Diariamente, essas mulheres trabalham na catação de uma ou duas redes em suas residências, o que equivale, ao final, a aproximadamente dois a quatro quilos de massa. Trata-se de uma atividade que ocupa toda a manhã e, em alguns casos, estende-se ao longo do dia, ao mesmo tempo em que elas buscam conciliar os trabalhos domésticos, de cuidado e familiares.

É necessário enfatizar que as mulheres que trabalham na catação de caranguejo em casa recebem o crustáceo por diferentes vias. Caso o caranguejo seja fornecido por maridos, filhos ou parentes, elas assumem todo o processo, desde o esarteamento e cozimento até a retirada da carne. Entretanto, a comercialização geralmente é realizada pelos homens. Quando recebem o crustáceo de marreteiros ou atravessadores¹⁰, as mulheres atuam apenas na retirada da massa, no armazenamento em saquinhos plásticos de um ou dois quilos e na refrigeração. Nesse caso, o caranguejo pertence aos atravessadores, e elas normalmente já recebem os animais cozidos, prontos para a etapa de catação. Assim, vendem sua força de trabalho aos atravessadores, que pagam cerca de R\$11 por quilo da carne extraída. Isso gera uma renda diária entre R\$22 e R\$44, a depender da quantidade processada.

Nesse cenário, quando não realizam a catação em suas próprias residências, cozinhas ou quintais, essas mulheres também atuam nas fábricas de beneficiamento de caranguejo existentes na Vila do Treme. Entre elas, destaca-se a fábrica selecionada para esta pesquisa, denominada tanto na internet quanto em suas instalações como “Cooperativa”. Todas as 13 entrevistadas já trabalharam nesse local, e algumas ainda permanecem na atividade, porém sem qualquer forma de contrato legalmente estabelecido. Segundo as entrevistadas, trata-se de um trabalho sem carteira assinada, no qual elas próprias organizam os horários de entrada e saída e recebem por quilo de massa catada. Ou seja, quanto maior a produção, maior a possibilidade de aumento da renda.

Diante disso, apesar de aparentar certa autonomia, essa atividade exige longas horas de trabalho repetitivo, mal remunerado, sem regulamentação ou proteção social. Além disso, trata-

¹⁰ Atravessadores, também conhecidos como marreteiros, são mencionados neste estudo como intermediários que adquirem os produtos diretamente dos pescadores/tiradores de caranguejo, repassando-os posteriormente às catadoras. Em seguida, esses produtos são comercializados para comerciantes ou outros empreendimentos que integram a cadeia produtiva do caranguejo.

se de uma ocupação invisibilizada na cadeia produtiva. Embora organizem seus próprios horários, essa autonomia é limitada pela constante pressão por produtividade, já que a remuneração é proporcional à quantidade produzida. Algumas trabalhadoras optam por levar suas próprias refeições para evitar pausas longas. O pagamento é realizado semanalmente, com base na quantidade de carne extraída, sendo o quilo pago a R\$14. Produzindo entre dois e três quilos por dia, suas rendas diárias variam de R\$28 a R\$42, totalizando, ao final do mês, valores entre R\$448 e R\$672.

Dessa maneira, observa-se que a realidade de trabalho dessas mulheres pode ser interpretada a partir da análise de Ricardo Antunes (2008), ao demonstrar que o trabalho informal é caracterizado pela precarização, ausência de contratos, jornadas extensas e utilização das horas extras como estratégia para garantir renda. Entre as catadoras, isso se traduz na intensificação do ritmo de trabalho e na redução das pausas como forma de ampliar os ganhos. Graça Druck (2011) também contribui para a compreensão dessa realidade ao enfatizar que a precarização do trabalho se manifesta na intensificação da exploração, na instabilidade dos vínculos e na redução dos direitos trabalhistas.

Também é importante mencionar que, embora a fábrica escolhida para esta pesquisa se identifique como uma cooperativa, constatou-se que o modelo adotado na vila não corresponde à proposta de uma organização baseada em princípios de solidariedade e autogestão. Ao contrário, trata-se de um formato que reproduz condições de exploração e precarização do trabalho, conforme apontado por Antunes (2008), ao afirmar que o capital, em escala global, tem redesenhado formas de trabalho precário por meio de expressões como “empreendedorismo” e “cooperativismo”, utilizadas para mascarar a precarização. Segundo o autor, as cooperativas, originalmente concebidas como instrumentos de luta dos trabalhadores contra a exploração, passaram a ser apropriadas pelo capital como mecanismo de fragilização dos direitos trabalhistas.

Nesse sentido, ao analisar a realidade das catadoras que trabalham para as chamadas fábricas no Treme, Santos (2020) destaca que essas mulheres permanecem constantemente disponíveis para atender à demanda por catação. A autora conclui que as fábricas se beneficiam de uma mão de obra barata, frequentemente vista como complementar ao sustento familiar, sobretudo porque esse trabalho garante recursos tanto para a subsistência das próprias mulheres quanto de suas famílias. Assim, as catadoras são inseridas informalmente nesse trabalho, muitas vezes por meio de redes familiares ou comunitárias, sem qualquer tipo de contrato formal ou garantia trabalhista. Em grande parte, isso ocorre pela necessidade de complementar a renda familiar, sendo comum que mulheres de diferentes gerações compartilhem o mesmo ofício.

Além disso, é importante ressaltar que a catação de caranguejo é um trabalho atento, detalhista e repetitivo, que exige intenso uso das mãos, podendo levar ao desenvolvimento de Lesões por Esforço Repetitivo¹¹ (LER) e outros problemas de saúde. Três entrevistadas relataram problemas diretamente associados à atividade, como dores na coluna, possivelmente relacionadas à postura mantida por longas horas durante a catação, geralmente realizada na posição sentada. Também foram mencionados problemas de visão, decorrentes da necessidade de “recatar” a massa, isto é, verificar se o produto final não possui resíduos de ossos ou fiapos do crustáceo, sob luz intensa e próxima. Além disso, algumas mulheres relataram dores e dormências nas mãos causadas pelo manuseio repetitivo de caranguejos refrigerados.

Nesse mesmo contexto, uma das entrevistadas destacou o cansaço extremo nos pés e nas pernas ao final do dia, associado à presença visível de varizes¹². Esse relato evidencia como as condições de trabalho prolongado em posição sentada podem impactar diretamente a saúde física dessas mulheres, sobretudo pela permanência durante longas horas sem movimentação adequada. Tal realidade revela não apenas o desgaste cotidiano, mas também o adoecimento silencioso ao qual essas trabalhadoras estão expostas. De maneira semelhante, Santos (2020) aponta que suas entrevistadas também relataram agravos físicos associados à catação, especialmente quando realizada nas próprias residências sem equipamentos de proteção, como luvas. Em alguns casos, as mãos chegavam a ficar “em carne viva”, o que evidencia a precariedade das condições laborais enfrentadas por essas mulheres.

Diante dessa realidade, evidenciou-se que o trabalho das catadoras de caranguejo da Vila do Treme exemplifica os modos de ser da informalidade no Brasil analisados por Antunes (2013), ao revelar a existência de trabalhadoras submetidas a jornadas exaustivas sem qualquer tipo de proteção legal ou estabilidade. Trata-se de uma realidade que intensifica a exploração e demonstra como o trabalho informal atua como mecanismo do sistema capitalista para ampliar a extração de valor, reduzir custos e aprofundar a precarização. Embora a informalidade não seja sinônimo direto de precarização, Antunes (2013) destaca que ambas estão intimamente

¹¹ As Lesões por Esforços Repetitivos (LER), também conhecidas como Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), são condições que afetam músculos, nervos e tendões, geralmente causadas por movimentos repetitivos, posturas inadequadas ou esforço contínuo no ambiente laboral. Segundo o Ministério da Saúde, entre 2007 e 2016, foram registrados 67.599 casos de LER/DORT no Brasil, com um aumento de 184% no período, passando de 3.212 casos em 2007 para 9.122 em 2016.

¹² De acordo com a Sociedade Brasileira de Angiologia e de Cirurgia Vasculiar (SBACV, 2021), "as varizes são veias superficiais dilatadas, alongadas e tortuosas, causadas por uma falha no funcionamento das válvulas que regulam o fluxo sanguíneo, o que provoca o acúmulo de sangue e aumento da pressão dentro da veia". Essa condição está frequentemente associada à permanência prolongada em pé, e entre os sintomas mais comuns estão dor, sensação de peso, inchaço e cansaço nas pernas. Estudos como o de Berenguer *et al.* (2008), apontam que as mulheres estão mais propensas ao desenvolvimento de varizes, sobretudo quando submetidas a jornadas exaustivas que exigem a manutenção prolongada da postura em pé durante o trabalho.

relacionadas, uma vez que o trabalho informal submete os trabalhadores à instabilidade, à ausência de garantias e à falta de direitos vinculados aos contratos formais.

Também é importante enfatizar que a catação de caranguejo é marcada por diversas dificuldades. Trata-se de uma atividade instável, com baixa remuneração e pagamento variável, dependente da estação do ano e de fatores ambientais, conforme destaca Silva (2022). Além disso, as fábricas não operam continuamente, sendo fechadas em determinados períodos do ano, seja pela escassez do crustáceo, seja pelo período do defeso¹³. Dessa forma, o trabalho remunerado dessas mulheres encontra-se constantemente atravessado por dinâmicas de instabilidade e incerteza.

Diante desse contexto, torna-se fundamental reconhecer e problematizar as condições de trabalho das catadoras, especialmente diante da intensa rotina à qual estão submetidas, da irregularidade dos ganhos e da baixa remuneração frente ao esforço exigido. Trata-se de um cotidiano marcado pelas expressões da informalidade e da precarização. Assim, a informalização da força de trabalho, conforme discute Antunes (2013), manifesta-se de forma evidente nessa realidade, marcada pela exploração do trabalho feminino, por remunerações instáveis, jornadas extensas e ausência de garantias legais, elementos que expressam aquilo que o autor denomina como precarização estrutural do trabalho.

Casa e fábrica: espaços de produção e reprodução social

Para além das condições relacionadas ao trabalho remunerado, é necessário considerar que ele se insere em um conjunto mais amplo de atividades que atravessam o cotidiano dessas mulheres, tarefas essenciais à manutenção da vida, mas que permanecem, em grande parte, invisibilizadas e não remuneradas. Trata-se do que as feministas e os estudos da Teoria da Reprodução Social (TRS) denominam como trabalho de reprodução social: um conjunto de práticas responsáveis por garantir o sustento físico, emocional e relacional da vida, possibilitando a dedicação das mulheres e de suas famílias a jornadas produtivas tão intensas. Em outras palavras, para que possam sair para as fábricas ou mesmo realizar a catação de caranguejos em casa, é necessário manter uma rotina rigidamente organizada, marcada por jornadas contínuas entre a casa e o local de trabalho, em que a residência se torna, simultaneamente, espaço de produção e reprodução.

¹³ O período de defeso do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) é estabelecido para proteger o ciclo reprodutivo da espécie, durante o qual é proibida a captura, o transporte, o beneficiamento, a industrialização e a comercialização do caranguejo.

Tal realidade se manifesta no cotidiano das mulheres da Vila do Treme, que acordam ainda de madrugada, preparam o café para si e suas famílias e, muitas vezes, iniciam a catação em casa antes mesmo do nascer do sol. Ao longo do dia, dividem-se entre a catação e os afazeres domésticos, como lavar louça, preparar refeições, buscar água¹⁴ e realizar trabalhos de cuidado, tudo em um ritmo contínuo e exaustivo. No contexto de trabalho nas fábricas, as tarefas domésticas precisavam ser realizadas antes da saída dessas mulheres para o trabalho e após o retorno para casa, como relatou Tanzanita: “É, cuidava da casa aqui, ia pra lá catava, tornava vim meio-dia fazer comida.” Nessa mesma perspectiva, Rubi compartilha: “Me sinto cansada mesmo, que chega vai varrer a casa né? Lavar a roupa, chega meia cansada do trabalho.”

Esses e outros relatos revelam que o cotidiano das catadoras de caranguejo entrevistadas para esta pesquisa é marcado pela necessidade de uma organização previamente estabelecida, exigindo que conciliem a catação de caranguejos com o trabalho de reprodução social. Assim, algumas delas destacaram que cuidam ou já cuidaram de filhos pequenos, pais idosos e familiares doentes, realidade que reflete exatamente o que a TRS propõe ao demonstrar que as mulheres contribuem para o funcionamento do capitalismo tanto de forma direta, em seus trabalhos considerados produtivos, quanto indiretamente, ao garantirem a sustentação cotidiana da vida.

Dessa maneira, embora possa parecer evidente, é fundamental destacar que as mulheres entrevistadas nesta pesquisa se reconheceram como as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, pelas atividades de cuidado e pelas responsabilidades familiares em seus lares. Elas relataram, inclusive, não possuir o hábito de contabilizar as horas dedicadas às tarefas domésticas, mas afirmaram que provavelmente dedicam mais de sete horas diárias a essas atividades e que frequentemente se sentem cansadas. Ainda que não determinem exatamente o número de horas, expressões como “às vezes é o dia todo”, “olha, para lavar roupa é a manhã todinha” e “não dá nem pra contar, são tantas horas” revelam como o tempo dessas mulheres é intensamente consumido pelas tarefas domésticas e pela organização cotidiana da vida.

Nesse sentido, a reflexão de Federici (2017) contribui para compreender como o trabalho doméstico e, conseqüentemente, o tempo das mulheres são apropriados e naturalizados como expressões de amor, cuidado e dedicação, o que torna esse trabalho socialmente invisibilizado, apesar de sua centralidade para a reprodução da vida e da força de trabalho. Esses aspectos podem ser visualizados no cotidiano das catadoras, haja vista que, em seus depoimentos, relataram ser mães e desempenhar atividades familiares, como levar os filhos à

¹⁴ O termo buscar água refere-se ao esforço realizado por algumas mulheres da comunidade que, por não possuírem poço artesiano em casa, precisam coletar água em suas casas através das caixas d'água comunitárias.

escola e aos postos de saúde. Além disso, são esposas que cozinham, lavam roupas, trabalham na roça e filhas que, desde crianças, auxiliam na catação e nas responsabilidades domésticas. Na vida adulta, algumas também assumem o cuidado com os pais idosos, acompanhando-os em consultas médicas e, em determinados casos, afastando-se do próprio trabalho de catação para dedicar-se integralmente a esses cuidados.

Dessa maneira, a realidade vivida por essas mulheres concretiza debates centrais das teóricas¹⁵ feministas, que apontam como, historicamente, as tarefas domésticas e de cuidado foram atribuídas às mulheres. Segundo Arruzza e Bhattacharya (2023), essas atividades constituem partes essenciais da reprodução social, isto é, de todo o conjunto de práticas responsáveis por sustentar e renovar diariamente a vida e, conseqüentemente, a força de trabalho. Tais tarefas não são meramente naturais ou espontâneas, mas indispensáveis ao funcionamento do capitalismo, pois garantem que os trabalhadores e trabalhadoras permaneçam ativos no sistema, alimentados, cuidados e emocionalmente sustentados. Além disso, são fundamentais para a formação das futuras gerações de trabalhadores e para a manutenção daqueles que já não podem mais trabalhar.

Somado a isso, a interpretação das falas das catadoras indica que, no cotidiano dessas mulheres, a articulação entre as demandas do trabalho de catação e as responsabilidades de cuidado gera sobrecargas que se manifestam diretamente no corpo. Essa dimensão corporal ficou evidente no relato de uma das entrevistadas, que compartilhou que sua vida entre a maternidade e a catação era corrida e que, quando parava, o corpo queria até ficar “doente”. Em outras palavras, ela demonstrava estar acostumada a uma rotina incessante, na qual o descanso parecia provocar estranhamento físico. Essa expressão evidencia a experiência de um corpo submetido continuamente ao desgaste, em que a exaustão deixa de ser percebida como problema e passa a ser naturalizada, incorporando-se às rotinas cotidianas e revelando a complexa relação entre sobrevivência, trabalho e cuidado.

Essa realidade pode ser compreendida como resultado de um processo educativo construído sob ideologias¹⁶ de gênero que naturalizam a sobrecarga feminina e a responsabilização quase exclusiva das mulheres pelas tarefas domésticas e de cuidado. Mies

¹⁵ Importa destacar que autoras como Silvia Federici e Helena Hirata, mobilizadas ao longo deste artigo, embora contribuam significativamente para os debates acerca da reprodução social, não se inserem diretamente na Teoria da Reprodução Social (TRS) em seu sentido estrito, havendo diferenças analíticas relevantes entre essas perspectivas teóricas.

¹⁶ As ideologias de gênero que naturalizam o papel da mulher como cuidadora, submissa e responsável pela vida doméstica são problematizadas por autoras como Federici (2017) e Dalla Costa e James (2022), sustentadas historicamente tanto pelo sistema capitalista que se beneficia do trabalho reprodutivo não remunerado quanto por instituições como a igreja, que, ao longo do tempo, legitimaram e moralizaram a divisão sexual do trabalho.

(2022) denomina esse processo como ideologia do autossacrifício, lógica que naturaliza a sujeição feminina ao associar amor, cuidado e dedicação ao lar a deveres morais. Tal perspectiva reforça a imagem da mulher como naturalmente “multitarefa” ou “guerreira”, apagando a sobrecarga que recai sobre ela. Sob esse mesmo enfoque, Davis (2016) evidencia que essa suposta força feminina, especialmente no caso das mulheres negras, foi historicamente utilizada para justificar processos de exploração. Assim, a ideia da mulher que tudo suporta transforma a exaustão em virtude e mascara estruturas de opressão.

Por conseguinte, torna-se fundamental enfatizar que diversas autoras¹⁷ vêm destacando que o cuidado não se restringe a um gesto amoroso e privado, mas constitui um trabalho essencial à vida em sociedade, ainda que frequentemente invisibilizado, desvalorizado e marcado pela divisão sexual do trabalho. Para Hirata (2022), o cuidado envolve dimensões técnicas, emocionais e materiais, sendo atravessado por relações de gênero, classe e raça, além de ocorrer tanto em contextos remunerados quanto não remunerados. Federici (2019) e Fraser (2023) reforçam essa perspectiva ao situarem o cuidado como parte central da reprodução social, isto é, como um trabalho indispensável à manutenção da vida e ao funcionamento do próprio sistema capitalista. Sem ele, não apenas os laços sociais e as relações cotidianas se fragilizariam, mas também a própria existência dos sujeitos, da economia e de qualquer forma de organização coletiva.

Sob essa perspectiva, evidencia-se que a Teoria da Reprodução Social (TRS) contribui significativamente para compreender como as múltiplas responsabilidades das mulheres da Vila do Treme estão diretamente vinculadas à continuidade do sistema econômico vigente. A reprodução cotidiana envolve não apenas o cuidado imediato, mas também a formação de novos sujeitos para o mundo do trabalho, incluindo parto, amamentação, criação dos filhos e cuidados diários. Essa dinâmica foi identificada no cotidiano das mulheres da Vila do Treme, cujos relatos demonstram que essas tarefas coexistem frequentemente com o trabalho produtivo, já que continuam catando enquanto cuidam de crianças pequenas, preparam refeições e organizam o lar.

Também é importante mencionar que a reprodução geracional na comunidade do Treme ultrapassa a maternidade biológica e assume a forma de um processo social contínuo de inserção e preparação para o trabalho. Além de exercerem funções relacionadas ao cuidado e à

¹⁷ Diversas autoras feministas, como Helena Hirata, Silvia Federici e Nancy Fraser, mostram que o cuidado não é apenas um gesto amoroso e privado, mas um trabalho essencial à reprodução da vida. Hirata analisa o cuidado como um trabalho marcado por desigualdades de gênero e raça; Federici evidencia como o trabalho reprodutivo foi apropriado de forma invisível e não remunerada pelo capitalismo; e Fraser discute as crises contemporâneas do cuidado como expressão de contradições estruturais entre produção econômica e reprodução social.

manutenção da vida, muitas mulheres também transmitem às novas gerações os saberes associados à catação de caranguejo, inserindo filhos e filhas, desde cedo, na lógica produtiva local. Do ponto de vista da TRS, essa articulação entre trabalho produtivo e reprodutivo não se resume à preservação de práticas culturais, mas atua como engrenagem do sistema capitalista ao garantir a permanência e a renovação da força de trabalho.

Nesse cenário, constata-se que a realidade vivenciada cotidianamente por essas trabalhadoras expressa, de forma concreta, jornadas contínuas, precarizadas e sobrecarregadas. Essas mulheres atuam exaustivamente em atividades informalizadas, marcadas por baixos rendimentos e pouca proteção social, ao mesmo tempo em que assumem integralmente as responsabilidades relacionadas à reprodução social, como os cuidados com a casa, os filhos e outros membros da família. Assim, a sobreposição entre trabalho produtivo e reprodutivo concretiza aquilo que Mies (2022) define como dupla exploração direcionada às mulheres dos países em desenvolvimento, tanto como produtoras informais quanto como cuidadoras não remuneradas.

Marcas de gênero na catação de caranguejos

Na comunidade da Vila do Treme, como já mencionado, a catação de caranguejos constitui uma prática central para a sobrevivência das famílias locais, sendo ensinada desde cedo a meninas e meninos. No entanto, essa aparente igualdade inicial oculta um processo de socialização marcado por relações de gênero. Desde a infância, é possível perceber que as meninas, além de aprenderem a catar caranguejos, tendem a assumir também responsabilidades relacionadas ao cuidado do lar e ao trabalho doméstico, enquanto os meninos, muitas vezes, não são inseridos da mesma forma nessas tarefas.

Essa diferenciação nas atribuições cotidianas reflete o que Helena Hirata (2002) define como divisão sexual do trabalho. Trata-se de uma construção social e histórica que estabelece e hierarquiza funções destinadas a homens e mulheres, atribuindo às mulheres as responsabilidades ligadas ao cuidado e à reprodução social. Em diálogo com Danièle Kergoat, essa perspectiva insere-se na tradição francesa do feminismo materialista e das relações sociais de sexo, conforme apontado em Hirata e Kergoat (2011) e Briguglio *et al.* (2020). Tal abordagem possibilita a compreensão dessas desigualdades por meio dos princípios de separação e hierarquização entre os trabalhos.

Sob essa perspectiva, evidenciou-se que a lógica da divisão sexual do trabalho se reproduz na cadeia produtiva do caranguejo na Vila do Treme. Os homens costumam ser responsáveis pela extração do crustáceo no mangue e pela comercialização, enquanto as

mulheres concentram-se na etapa da catação, realizada predominantemente no espaço doméstico e marcada pela exigência de habilidades manuais específicas, como dedos ágeis e cuidadosos, características culturalmente associadas ao “jeito feminino”. Embora essa divisão pareça naturalizada no cotidiano da comunidade, ela revela uma dinâmica mais profunda de desvalorização do trabalho feminino, articulada a estruturas patriarcais e capitalistas.

Ademais, identificou-se, na realidade local, que os homens, mesmo participando de etapas fundamentais da cadeia produtiva, não costumam dividir de forma equivalente as responsabilidades dentro do lar. Ainda que participem do trabalho de reprodução social em algumas famílias, essa atuação é frequentemente percebida como ajuda, isto é, uma contribuição secundária que não altera a divisão desigual das tarefas, as quais permanecem sob responsabilidade principal das mulheres. Isso se torna ainda mais evidente ao considerar que a maioria das entrevistadas sequer menciona a participação dos companheiros nas tarefas domésticas, justificando que os homens “trabalham fora”, enquanto elas, mesmo envolvidas na catação, continuam assumindo tais funções.

Ao destacar as marcas de gênero presentes no trabalho de catação de caranguejos, observa-se que as mulheres, enquanto principais responsáveis pela reprodução social, são diretamente impactadas mesmo quando inseridas na esfera da produção. Ainda que os maridos eventualmente colaborem, a responsabilidade continua recaindo majoritariamente sobre elas, especialmente enquanto mães e cuidadoras. Uma das entrevistadas, por exemplo, relatou que seu trabalho na fábrica era constantemente intercalado com a amamentação do filho pequeno. Disse ela: “Meu filho tava pequeno ainda, aí ele ficava com a mamãe, só que eu tinha que sair de hora em hora pra dar mama pra ele”. Nessa mesma perspectiva, outra entrevistada enfatizou: “Ficava com o pai e a mamãe que morava aqui perto”. Assim, percebe-se que a responsabilização do trabalho de cuidado sobre as mulheres interfere diretamente em sua disponibilidade para o trabalho produtivo.

Diante disso, evidenciou-se que a forma de organização do cuidado baseia-se em redes familiares de ajuda. Em outras palavras, uma mulher só consegue sair para trabalhar porque outra permanece em casa cuidando dos filhos, configurando aquilo que Hirata (2016) denominou como “modelo de delegação”, um dos aspectos da divisão sexual do trabalho e das relações de gênero. No entanto, é importante destacar que, no contexto das catadoras entrevistadas, essa delegação não ocorre nos moldes clássicos descritos por Hirata, nos quais mulheres com maior poder aquisitivo contratam outras mulheres para assumir o trabalho doméstico e de cuidado. Nesse caso, trata-se de uma delegação adaptada às limitações

econômicas locais: não há contratação formal, mas uma redistribuição necessária do cuidado entre mulheres da mesma família, geralmente sem remuneração.

Em muitos casos, é a avó que interrompe ou reduz suas próprias atividades para cuidar dos netos, como contou Turmalina: “Ela fica (a neta), porque a mãe dela estuda à tarde... aí eu fico com ela”. Em outras situações, são as próprias mulheres que deixam o trabalho para cuidar de parentes doentes, como fez Topásio ao acompanhar o pai durante oito meses, ou Tanzanita, que pausou a catação para cuidar dos netos recém-nascidos. Assim, mesmo entre mulheres sem poder aquisitivo, o cuidado continua sendo um trabalho delegado quase exclusivamente às mulheres, perpetuando a lógica da divisão sexual do trabalho dentro das redes familiares e informais.

Em todos esses exemplos, o cuidado aparece como uma tarefa realizada quase sempre por mulheres, sem remuneração e sem apoio institucional, mas que permite que o restante da vida, inclusive o trabalho produtivo, continue acontecendo. O que se observa é uma responsabilização privada ancorada na disponibilidade de outras mulheres da família, especialmente avós. Essa dinâmica reforça a lógica historicamente construída de que o cuidado constitui uma atribuição natural e feminina. Ainda que esses arranjos revelem formas de solidariedade familiar, eles também expõem os limites de uma estrutura social que delega às famílias e, sobretudo, às mulheres a sustentação do cuidado.

Além disso, esse cotidiano evidencia a tensão constante em tentar conciliar trabalho e família, algo que evidentemente não ocorre de forma equilibrada, sobretudo para as mulheres. No caso das catadoras, suas rotinas produtivas precisam ser organizadas em função das demandas familiares, especialmente do cuidado com filhos pequenos. Trata-se de uma realidade que, embora muitas vezes invisibilizada, impacta diretamente suas trajetórias de trabalho, resultando em pausas, jornadas parciais e até abandono de atividades produtivas. Assim, o acesso ao trabalho não depende apenas da vontade ou da capacidade individual, mas também das condições concretas que possibilitam a conciliação entre as diferentes dimensões da vida.

Considerações finais

Diante desse cenário, à luz das discussões apresentadas, compreende-se que as experiências de vida e trabalho das catadoras de caranguejo da Vila do Treme evidenciam dimensões centrais da Teoria da Reprodução Social (TRS), conforme discutida por Cinzia Arruzza e Tithi Bhattacharya (2023), uma vez que suas trajetórias são atravessadas pelas relações entre produção e reprodução, pelo papel das famílias, pelas dinâmicas de sexualidade e pelos efeitos da precarização intensificada pelo neoliberalismo. Ao destacar a interligação

entre o trabalho produtivo e as atividades domésticas e reprodutivas, a TRS permite compreender que a rotina das catadoras, marcada pela sobrecarga de trabalho e pela transmissão intergeracional de saberes, é essencial para a renovação da força de trabalho e, conseqüentemente, para a continuidade da lógica exploratória do capitalismo.

Além disso, identificou-se que o trabalho remunerado das catadoras é atravessado por profundas marcas de informalidade e precarização, refletindo desigualdades sociais e de gênero que estruturam o mercado de trabalho no Brasil. Essas mulheres enfrentam jornadas extensas, trabalho intenso e repetitivo, baixa remuneração, ausência de proteção social e invisibilidade na cadeia produtiva. Embora suas atividades sejam fundamentais para a cadeia produtiva do caranguejo, elas permanecem ausentes das estatísticas oficiais¹⁸ e carecem de reconhecimento institucional. Ao ocuparem os elos iniciais dessa cadeia, possibilitam que o produto seja exportado, garantindo matéria-prima barata e abundante, elemento que sustenta o lucro de atravessadores e dos setores mais valorizados da comercialização.

Ademais, com base na TRS, evidenciou-se que, no cotidiano das catadoras, a produção da carne de caranguejo, realizada por elas e destinada aos mercados consumidores, é indissociável da reprodução da força de trabalho, sustentada pelo trabalho doméstico, de cuidado e familiar, também desempenhado por essas mulheres. São essas atividades que mantêm a si mesmas e suas famílias em condições de continuar produzindo e consumindo. Isso demonstra que a produção da vida e a produção de mercadorias não constituem esferas separadas, mas partes conectadas de um mesmo sistema. Tal realidade evidencia que a reprodução social é indispensável para o funcionamento contínuo do capital, sobretudo por garantir a manutenção da principal mercadoria do capitalismo: a força de trabalho humana.

Assim, diante do que foi exposto, destaca-se que o trabalho de cuidado, enquanto componente fundamental da reprodução social, assume papel central na organização da vida cotidiana das catadoras de caranguejo da Vila do Treme. Nesse território, o cuidado encontra-se diretamente entrelaçado à sobrevivência das famílias e à sustentação das práticas produtivas, ainda que continue sendo naturalizado como atribuição feminina. Aspectos relacionados ao cuidado, como a atenção aos filhos, a relação entre trabalho e família e o tempo destinado a essas atividades, permanecem, em grande medida, ausentes de políticas públicas efetivas voltadas para essa realidade.

¹⁸ Durante a pesquisa de campo, evidenciou-se a inexistência de documentos que contabilizem a produção realizada pelas catadoras de caranguejo em qualquer esfera, também não foram encontrados detalhes oficiais sobre a destinação do caranguejo que é historicamente beneficiado em larga escala por elas.

Por fim, a pesquisa evidenciou como produção e reprodução social se articulam nas experiências das catadoras de caranguejo da Vila do Treme, localizada no entorno da RESEX de Bragança. Apesar do reconhecimento desse território como espaço tradicional e protegido, ainda são limitadas as ações públicas voltadas à redução da exploração do trabalho feminino na comunidade. As trajetórias dessas mulheres revelam uma realidade marcada pela invisibilidade e pela sobrecarga de responsabilidades, exigindo um olhar feminista, territorializado e antirracista para compreender as múltiplas dimensões de suas experiências. O estudo reforça a urgência de políticas públicas que reconheçam e valorizem o trabalho das mulheres em contextos rurais e extrativistas, além da necessidade de pesquisas que deem visibilidade às mulheres da Amazônia e promovam uma crítica às estruturas sociais e econômicas vigentes.

Referências

- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi. Teoria da reprodução social: elementos fundamentais para um feminismo marxista. *Contemporânea*, v. 13, n. 2, p. 619-651, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14244/contemp.v13i2.1258>.
- ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE MENTAL E TRABALHO, 2008, São Paulo. *Anais [...] São Paulo*, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BHATTACHARYA, Tithi (org.). *Teoria da reprodução social: remapeando a classe, recentralizando a opressão*. São Paulo: Elefante, 2022. Título original: *Social reproduction theory: remapping class, recentring oppression*. London: Pluto Press, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *LER e DORT são as doenças que mais acometem os trabalhadores, aponta estudo*. Saúde Brasil 2018. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2019/abril/ler-e-dort-sao-as-doencas-que-mais-acometem-os-trabalhadores-aponta-estudo>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- BRIGUGLIO, Bianca; GRECCO, Fabiana Sanches; LINDOSO, Raquel Oliveira; LAPA, Thaís de Souza. As proposições teórico-metodológicas de Danièle Kergoat e Helena Hirata. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 53, p. 12-21, jul./dez. 2020.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MIES, Maria. *Women, race and class*. New York: Random House, 1981.
- DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. esp. 1, p. 37-57, 2011.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução do Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução do Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- FERREIRA, Verônica Maria. *Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social: uma análise de suas tendências*. Recife: Editora UFPE, 2020.
- FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal*. Tradução de Aline Scátola. São Paulo: Autonomia Literária, 2023. Título original: *Cannibal capitalism: how our system is devouring*

- democracy, care, and the planet — and what we can do about it*. London: Verso Books, 2022.
- GOMES, John Lennon Silva. *Cadeia produtiva do caranguejo-uçá (Ucides cordatus Linnaeus, 1763) no município de Bragança, Nordeste Paraense, Costa Amazônica Brasileira*. 2018. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – Instituto de Estudos Costeiros, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2018.
- HIRATA, Helena. Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 117, p. 43-64, nov. 2002.
- HIRATA, Helena. *O cuidado: teorias e práticas*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022.
- HIRATA, Helena. O trabalho de cuidado: comparando Brasil, França e Japão. *SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos*, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 53-64, dez. 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/5-sur-24-por-helena-hirata.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmidsBWQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 8 out. 2025.
- KRAUSE, G.; SCHORIES, D.; GLASER, M.; DIELE, K. Spatial patterns of mangrove ecosystems: the Bragantian mangroves of northern Brazil (Bragança, Pará). *Ecotropica*, v. 7, p. 93-107, 2001.
- MIES, Maria. *Patriarcado e acumulação em escala mundial: mulheres na divisão internacional do trabalho*. São Paulo: Timo, 2022.
- MIES, Maria. *Patriarchy and accumulation on a world scale: women in the international division of labour*. London: Zed Books, 1986.
- RIBEIRO, João Batista Miranda. *Micrometeorologia do manguezal e o impacto do desmatamento em Bragança-PA*. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SANTOS, Andreza Lúcia Santiago Sombra. *Beneficiamento artesanal do caranguejo-uçá na costa amazônica brasileira: aspectos socioeconômicos, ambientais e tecnológicos na utilização de resíduos*. 2020. Tese (Doutorado em Biologia Ambiental) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2020.
- SILVA, Ana Patrícia Reis da. *Trabalho e organização coletiva: catadoras de caranguejos em uma reserva extrativista marinha no litoral do Pará*. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- VOGEL, Lise. *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*. São Paulo: Expressão Popular, 2022. Título original: *Marxism and the oppression of women: toward a unitary theory*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1983. Reedição: Brill/Haymarket, 2013.